

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



Periódico: EBC Rádios		Data: 21/02/2019		
		Publicação: 20/02/2019		
Referência da Matéria: Estudo analisa povo que viveu no Maranhão há quase mil anos		Com foto	<input checked="" type="checkbox"/> Sem foto	
Caderno/Página/Coluna http://radios.ebc.com.br/reporter-nacional-amazonia/2019/02/estudo-analisa-povo-que-viveu-no-maranhao-ha-quase-mil-anos	Enfoque	Natureza	Tipo:	
	<input type="checkbox"/> Positivo	<input checked="" type="checkbox"/> Espontânea	<input checked="" type="checkbox"/> Matéria	<input type="checkbox"/> Nota
	<input type="checkbox"/> Negativo	<input type="checkbox"/> Provocada	<input type="checkbox"/> Artigo	<input type="checkbox"/> Classificados
	<input checked="" type="checkbox"/> Neutro		<input type="checkbox"/> Outro	

Estudo analisa povo que viveu no Maranhão há quase mil anos

Esses habitantes construíram moradias que em conjunto formaram aldeias sobre palafita

Repórter Nacional - Amazônia

No AR em 20/02/2019 - 07:55

Um povo de identidade ainda desconhecida habitou por quase mil anos as terras baixas do **Maranhão**. A região é onde os rios Pindaré, Pericumã e Turiaçu se alargam e inundam as planícies vizinhas.

Esses habitantes construíram moradias que em conjunto formaram aldeias sobre palafitas no leito dos rios ou no interior dos lagos. São as chamadas estearias.

Os primeiros estudos sobre esse povo datam de 150 anos. Em 1970 foram feitas algumas expedições e as pesquisas foram retomadas em dezembro de 2018, com a análise de quatro das 20 estearias conhecidas no estado.

O trabalho descreve a organização espacial e as datas prováveis de ocupação das estearias Boca do Rio, Cabeludo, Caboclo e Armíndio, situadas em um trecho do rio Turiaçu, próximo ao município de Santa Helena, a 200 quilômetros da capital, São Luís.

O arqueólogo Alexandre Navarro explica que se tratava de um povo sofisticado.

Segundo as pesquisas, o povo em estudo viveu entre o início da era cristã até o ano 1100 depois de Cristo. E, apesar de não ser possível confirmar influência na cultura dos índios atuais, é possível perceber características semelhantes em aldeias indígenas não apenas no Maranhão como na região do Xingu, no Alto Amazonas, no Amapá, além da Venezuela, Guianas e Caribe.

Participam dos estudos especialistas de várias instituições como a Universidade Federal do Amazonas, o CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e uma universidade norte-americana.

Periódico: Em Tempo		Data: 21/02/2019	
		Publicação: 20/02/2019	
Referência da Matéria: Pesquisa pioneira no AM monitora atropelamentos e mortes de onças		x	Com foto
			Sem foto
Caderno/Página/Coluna https://d.emtempo.com.br/ciencia-e-tecnologia-meio-ambiente/138268/pesquisa-pioneira-no-am-monitora-atropelamentos-e-mortes-de-oncas	Enfoque	Natureza	Tipo:
	<input type="checkbox"/> Positivo	X Espontânea	X Matéria
	<input type="checkbox"/> Negativo	<input type="checkbox"/> Provocada	<input type="checkbox"/> Artigo
	x <input checked="" type="checkbox"/> Neutro		<input type="checkbox"/> Outro
			Nota
			Classificados

Pesquisa pioneira no AM monitora atropelamentos e mortes de onças

Em uma pesquisa inédita feita pela Ufam, pesquisadores tentam mapear todas as rodovias do Brasil



Em janeiro, uma onça foi encontrada sem a cabeça e sem as patas na BR-174 | Foto: Franklin Moura

Manaus - Um dos símbolos mais marcantes da Região Norte e do Brasil, a onça-pintada é o maior felino do continente americano podendo chegar a 135 quilos. De pelagem amarelo-dourado com pintas pretas na cabeça, pescoço e patas, o animal possui físico resistente com grande força muscular, sendo a potência de sua mordida considerada a maior dentre os felinos de todo o mundo. Mas o homem é o pior inimigo natural dela, principalmente quando ele está dirigindo.

De acordo com pesquisa inédita feita no Brasil, 101 atropelamentos de onça-pintada foram contabilizados entre os anos de 2016 e 2018 em todo território brasileiro. O dado é preocupante visto que esses animais já são considerados vulneráveis a extinção. Segundo um estudo do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) do Ministério do Meio Ambiente, o tamanho populacional do efetivo estimado do felino é menor que 10 mil indivíduos.

Para Rogério Fonseca, coordenador da pós-graduação em ciências florestais e ambientais da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e um dos pesquisadores, o número é preocupante se o bioma for onde a onça é muito ameaçada, como os pampas, a floresta atlântica e a caatinga. Porém, em áreas verdes protegidas, os atropelamentos de felinos são causados em rodovias sem planejamento.

Pesquisadores da Ufam

A pesquisa é feita por um grupo de sete pesquisadores do Departamento de Ciências Florestais da Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). São dois doutores, um doutorando, um mestre e três graduando que tentam mapear todos os atropelamentos de onças nas rodovias e estradas brasileiras.

As maiores ocorrências são provenientes do Noroeste do Paraná e sul de São Paulo. Entre 2016 e 2018, apenas duas ocorrências foram registradas no Amazonas. Uma delas foi atípica, o animal foi encontrado em cabeça e sem patas na BR-174 que liga Manaus a Boa Vista na manhã do dia 13 de janeiro.

“O atropelamento de um animal não gera um boletim de ocorrência. Hoje nós contamos muito mais com o voluntarismo das pessoas no sistema deles ou no nosso aplicativo e isso irá para nosso banco de dados”, explica Rogério Fonseca.

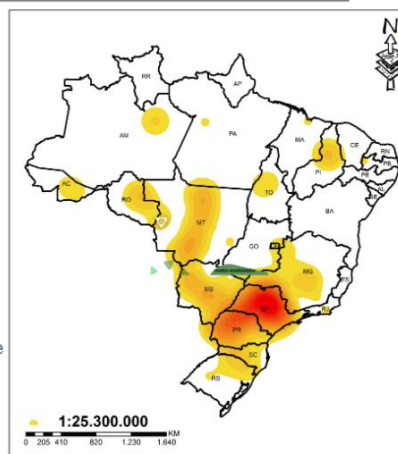
O mapeamento, a análise de densidade e a destinação do material atropelado vão para a Ufam. A pesquisa ainda está em desenvolvimento e não foi publicada, mas já dá indícios de algo preocupante.

“Estados com maior malha rodoviária atropelam mais onças do que estados com menos malha rodoviária? Nós estamos percebendo que em teoria, não. O maior estado com malha rodoviária é Minas Gerais e nem tem tanto atropelamento assim”, comenta o pesquisador.

Segundo os pesquisadores, as onças-pintadas transitam em todo o território brasileiro.

“No Rio Grande do Sul teve três registros nos últimos três anos. Não é em grande densidade, mas o animal existe lá. Mas se compararmos com a Amazônia, a incidência é bem menor”, fala Rogério Fonseca.

Amazonas não é líder mas também não está em uma situação boa



Mapa feito pelos pesquisadores aponta maior incidência de atropelamentos no Nordeste do Paraná e sul de São Paulo | Foto: divulgação

Para comparar a situação do Amazonas nessa pesquisa, o coordenador fala que é preciso analisar de que forma deve-se olhar a situação do Estado.

“Se comparado com estados que possuem a mesma malha rodoviária, nosso estado está ruim. Por exemplo, a quantidade de estradas que tem no nosso estado, se comparado com o Amapá e Roraima, é muito menor, mesmo assim, a incidência é maior”, diz.

Para o pesquisador, se o número de animais atropelados é em uma frequência mais concentrada, então quer dizer que existe uma falha em reduzir o índice de atropelamentos de animais em estradas.

“Como uma pessoa pode atropelar um animal tão grande assim e passar despercebida pelos órgãos de gestão?”, observou.

Como ocorre a maior parte dos atropelamentos?

A maior parte dos atropelamentos acontece porque a onça está distraída se alimentando.

“A estrada é uma oportunidade de alimento. Por exemplo, se um lagarto foi atropelado, aquela carne está cheirando e ela irá até ele para comê-lo. Se é em um período noturno e o carro está iluminando, então, ela está sendo ofuscada. Se for um veículo de grande porte, então, ele passará por cima dela tranquilamente”, fala.

Outro problema que o pesquisador Rogério Fonseca encontra é que no Brasil falta uma política de gestão de fauna que realmente funcione.

“Faz 52 anos que o país tem uma lei de gestão de fauna e ela até hoje não tem decreto de regulamentação”, critica.

Como faço para ajudar na pesquisa?

Qualquer cidadão pode ajudar na pesquisa. De acordo com o artigo 25 da instrução normativa nº 3 de 01 de setembro de 2014 do ICMBIO, o recolhimento e o transporte de animais encontrados mortos dispensa a autorização de autoridades para o recolhimento. Mas isso só é permitido se o animal for destinado à instituição científica para ser utilizado no aproveitamento científico ou didático.

Porém, o parágrafo primeiro desse mesmo artigo diz que o cidadão deve obter o boletim de ocorrência, junto a autoridade policial, para possível fiscalização e a instituição científica deverá manter o registro do animal atropelado.

Os pesquisadores contam com a ajuda da Polícia Rodoviária Federal e da Polícia Militar para levantar dados relacionados ao atropelamento de onças e de outros animais. Se o cidadão comum quiser ajudar no processo, basta instalar o aplicativo chamado “Oia Onça” ou visitar o site do projeto

<http://oiaaonca.ufam.edu.br/frontend/web/index.php?r=site>.



Pesquisadores recebem animais na ufam para a pesquisa. Na foto, o animal foi atropelado dentro de uma área de exploração de gás do estado. | Foto: divulgação

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



Casos curiosos

Fora o caso da onça encontrada sem a cabeça e sem as patas, o pesquisador também falou de outro caso registrado no Amazonas. Uma onça e uma anta foram atropeladas em um mesmo local, dentro de uma área de exploração de gás no Estado.

Outro caso que chamou a atenção do pesquisador foi um atropelamento de onça que aconteceu no município de Juína em Mato Grosso. A priori, a onça estava se alimentando e o motorista do veículo vermelho a atropelou. O animal morreu,

horas depois, por conta dos ferimentos. “Nas semanas sequenciais essa mesma fotografia teve um efeito ‘fake news’, com pessoas compartilhando falando que era do seu estado. Então, esse acidente foi de repercussão nacional”, fala. Com isso, eles descobriram como esse efeito acaba acarretando em má informação.

Todas as fotos utilizadas nas pesquisas são feitas por colaboradores que acabam ajudando a mapear esses acidentes juntamente com a autoridade do local.

O professor Rogério Fonseca ainda acha que dá tempo de planejar uma forma de se proteger a onça. “O correto seria que essas empresas que usufruem das concessões tivessem mecanismos que evitasse os atropelamentos. Por exemplo, o uso de passagens de fauna (tanto por baixo quanto por cima)”, sugere.

O pesquisador também critica o fato de ser ter várias Organizações Não-Governamentais (ONG) centradas em animais domésticos e deixando os silvestres de lado. Para ele, deveria ter uma melhor gestão com alternativas aplicáveis.

“O que deveria ser feito é usar mecanismos educativos, com diminuição de velocidade, trafegar mais em horário diurno, monitorar de uma forma mais eficaz veículos de grande porte. Temos que procurar mecanismos alternativos e não somente leis”, conclui.



Atropelamento de onça em Juína (MT). Na foto à esquerda, o animal ainda estava vivo. A direita, está o carro que a atropelou | Foto: Divulgação

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



Periódico: Chico Terra		Data: 21/02/2019		
		Publicação: 19/02/2019		
Referência da Matéria: PCD: Ação social emitirá Laudo Caracterizador gratuito em Manaus		<input checked="" type="checkbox"/> Com foto	<input type="checkbox"/> Sem foto	
Caderno/Página/Coluna https://chicoterra.com/2019/02/19/pcd-acao-social-emitira-laudo-caracterizador-gratuito-em-manaus/	Enfoque	Natureza	Tipo:	
	<input type="checkbox"/> Positivo	<input checked="" type="checkbox"/> Espontânea	<input checked="" type="checkbox"/> Matéria	<input type="checkbox"/> Nota
	<input type="checkbox"/> Negativo	<input type="checkbox"/> Provocada	<input type="checkbox"/> Artigo	<input type="checkbox"/> Classificados
	<input checked="" type="checkbox"/> Neutro		<input checked="" type="checkbox"/> Outro	

PCD: Ação social emitirá Laudo Caracterizador gratuito em Manaus

fevereiro 19, 2019 Chico Terra 0
comentários Manaus, PCD

Se você é PCD ou conhece alguém que necessite do Laudo Caracterizador de Deficiência para trabalhar. Não perca a oportunidade de participar de mais uma edição do Mutirão da Inclusão 2019. Será no próximo sábado (23/2), a partir das 7h, na CSO da Amazônia, localizada na Avenida Rodrigo Otávio 4645, Japiim I, próximo a Caixa Econômica.



O projeto visa atender 80 pessoas somente no dia 23. Todos os pacientes serão submetidos a exames compatíveis ao tipo de deficiência. Acadêmicos de Medicina da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) também participarão como auxiliares no atendimento. E a novidade deste ano é que muitos PCD's podem sair da ação, empregados.

O laudo Caracterizador de Deficiência corresponde a Lei Nº 8.213, de 24 de 3 Julho de 1991: Lei de Cotas para Deficientes e Pessoas com Deficiência. É utilizado pelas empresas no processo de seleção de funcionários, para que se cumpra a cota exigida pela lei. É de Competência do Ministério do Trabalho e Emprego gerenciar o sistema de fiscalização, a avaliação e o controle das empresas, assim como instituir os procedimentos e formulários necessários à contratação.

O documento pode ser emitido por um médico do trabalho da empresa ou outro médico, que possa atestar a deficiência de acordo com as definições do Decreto nº 3.298/99 (artigos 3º e 4º), e com as alterações dadas pelo Decreto nº 5.296/2004. Nele deverá constar o tipo de deficiência, com o código correspondente das Classificação Internacional de Doenças (CID), e ter autorização do empregado para tornar pública a sua condição.

O laudo tem a validade de um ano após a data de emissão. Vale ressaltar que nem todas as deficiências enquadram-se na Lei de Cotas para Deficientes. Devido a esses detalhes pede-se que o para que o paciente a ser enquadrado na Lei de Cotas, leve todos os exames médicos que ele já fez, no momento em que for examinado pelo médico do trabalho. Isso facilita o especialista em atestar se o paciente possui ou não necessidades especiais, de acordo com a lei vigente.

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



Periódico: Acritica		Data: 21/02/2019				
		Publicação: 21/02/2019				
Referência da Matéria: As aflições do Presidente		<input checked="" type="checkbox"/>	Com foto	Sem foto		
Caderno/Página/Coluna Opinião, A4	Enfoque	Natureza		Tipo:		
	<input type="checkbox"/> Positivo	<input checked="" type="checkbox"/>	Espontânea	<input type="checkbox"/>	Matéria	<input type="checkbox"/> Nota
	<input type="checkbox"/> Negativo	<input type="checkbox"/>	Provocada	<input checked="" type="checkbox"/>	Artigo	<input type="checkbox"/> Classificados
	<input checked="" type="checkbox"/> Neutro	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	Outro	

Artigo

As aflições do Presidente

Os percalços que afligem o governo federal cabem muito bem na expressão dita pelo compositor Tom Jobim: o Brasil não é para iniciantes. Expressão vivida na prática pelo escritor austríaco Stephan Zweig, para quem a terra visitada por Cabral era o país do futuro. Zweig suicidou-se. Da palavra dita ao ato, nesta imensa porção do continente americano há distância maior que da Terra a Plutão. Mesmo quando não se trata de iniciantes, muitos ainda encontram dificuldades em compreender o que está à sua frente, por mais transparente que seja a situação. Quando, realmente, a situação é enfrentada pela primeira vez se, afentão a sentença pautada pelo compositor de Garota de Ipanema assume ares de provérbio. Difícil, se não impossível, desmenti-la.

José Seráfico

Professora da Ufam
e Articulista de A CRÍTICA
e-mail: jserafico@uol.com.br



O desvario de grande parte dos eleitores de Jair Bolsonaro chegou ao ponto de imaginar que, chegado ao Palácio do Planalto, o Presidente logo se descartaria das más companhias. Fácil seria remover de sua vizinhança os operadores da campanha eleitoral, baseada em discurso que pouco a pouco vai desmoronando. Usar as más companhias é uma coisa; atender aos seus anseios é outra, e só na fase posterior é que as lideranças se dão conta disso. O episódio envolvendo o

Presidente da República, o Presidente do PSL e um dos filhos do próprio Jair Bolsonaro revela as diferenças que as pessoas estabelecem, segundo o momento que vivem.

Uma coisa é apresentar-se como candidato e precisar de um partido. Mais que isso, de companheiros que, pondo-se inteiramente a serviço de uma causa – e aqui nem se discute se boa ou má – ajuda a alcançar o objetivo. Outra é atingir o objetivo e administrar os anseios, apetites e motivações vinculados aos resultados.

É pouco provável que Jair Bolsonaro esperasse pelos óbices que têm praticamente imobilizado sua administração, há menos de dois meses instalada. Certo que seria loucura imaginar que ele encontraria um mar de boa vontade e de facilidade, a

transformar sua gestão um paraquedas em voo livre, solto e absolutamente seguro de encontrar chão firme quando tocasse o solo.

Mas seria estúpido pensar que os primeiros dias já o surpreenderiam, mais que o ataque a faca sofrido na campanha. A rigor, paralisariam qualquer tentativa de pôr em prática as propostas conhecidas após as eleições. Uma situação simplesmente inimaginável, tantas as expectativas, justa ou injustamente alimentadas durante a campanha eleitoral. Nem mesmo a reticência ou a superficialidade com que o então candidato se portava diante dos eleitores levaria à previsão do que testemunhamos. Sobre tudo porque, ao invés de atos da política, os eleitores participaram de sessões de

profissão de fé. Fé naquilo que ela tem de alimentada pelos mistérios e pelas palavras de ordem que sustentam a crença, jamais a convicção cidadã. Como se se tratasse de uma nova cruzada, os crentes contra os incrédulos.

Não é a oposição – até aqui silente e encolhida – que causa problemas a Jair Bolsonaro. Por enquanto, são seus liderados e familiares os maiores obstáculos ao seu iniciante governo. A rigor, mesmo os que se esperava assumir de pronto uma postura oposicionista parecem encontrar dificuldade em vencer seus sonhos pessoais e nem sempre legítimas ambições. Paraquedistas não gostam de vento forte. Se o vento é fraco, é quase certo o pouso. Quando nenhum vento sopra, salta-se como o melhor dos felinos. Nem isso Bolsonaro pode aproveitar.